

Agora, o futuro

O desfecho dos trabalhos na Constituinte remete o presidente Sarney a uma atuação política conservadora nos dezoito meses de Governo que ainda terá pela frente, o que condiciona o apoio que dará a candidatos a prefeito nos maiores centros urbanos e a sua própria opção pessoal quanto à sucessão presidencial.

A opção final conservadora começa a montar-se no bloco parlamentar que o Palácio pretende articular para atuar no Congresso Nacional com autonomia em relação a partidos, como as novas regras constitucionais permitem. Mas prever esse bloco como núcleo de um futuro partido ainda é exercício prematuro de imaginação.

Quem seguiria o Presidente para um novo partido? É previsível que algumas lideranças parlamentares poderiam seguir Sarney, como o PFL dos deputados José Lourenço e Ricardo Fiuza, por falta de futuro para a nau pefelista que vai à eleição de novembro sem candidatos próprios nas três maiores capitais: São Paulo, Rio e Belo Horizonte.

A mesma falta de perspectiva pode encaminhar ao partido de Sarney outros nomes expressivos do PDS, mas não será fácil desembarcar da nau pedessista o senador Jarbas Passarinho, pela sua extrema fidelidade à sigla.

Mas como ficaria o governo Sarney nessa opção por um novo partido? O governo ainda se compõe de bandas do PMDB que — pelo curso histórico com que atuam politi-

camente desde o MDB ou mesmo por interesses eleitorais futuros — se sentiriam em dificuldade para mudar de nau, sobretudo agora quando Sarney tem apenas um ano e meio no comando do governo esvaziado pela nova Constituição.

São bandas que poderiam se retirar do governo no último 21 de agosto se, naquela data, se realizasse a convenção do PMDB e os convencionais decidissem pela ruptura com Sarney. Atravessaram a barreira da 21 de agosto, mas teriam dificuldade em deixar a nau peemedebista por outra. Por que ministros do PMDB mudariam de partido?

Se ministros teriam dificuldades, como ficariam então os governadores do PMDB? Por que os governadores mudariam de partido agora que Sarney se aproxima do final do mandato na mesma velocidade com que eles vão chegando mais perto do momento em que os estados, bafejados pela Constituinte, conquistarão maior autonomia administrativa?

É preciso ainda considerar a posição do deputado Ulysses Guimarães — “Pai da Constituição”, como o quis o governador Newton Cardoso. Liberto dos trabalhos constitucionais e da obrigação de suceder a Sarney nas interinidades, Ulysses encontra agora espaço mais amplo para trabalhar o seu projeto presidencial e partidário numa posição muito mais agregadora. Mesmo o bloco parlamentar seria uma oposição a Ulysses.

05 SET 1988

CORREIO BRAZILENSE